

UMA BREVE BIOGRAFIA DE PLÍNIO, O JOVEM: OS VACILOS DE SEU TEMPO

Prof. Dr. Lucas Caminati Amaya (UFRJ)

RESUMO: um pequeno leque de informações e grandes abismos de ausência de dados formam o estabelecimento histórico atual de boa parte dos grandes homens e, principalmente, mulheres da Antiguidade, o que leva a constantes revisões e até mesmo revoluções sobre o entendimento que temos de Roma e da Grécia antigas. Neste artigo, demonstramos como a reconstrução e o entendimento da vida de um dos homens mais relevantes da segunda metade do século I EC é complexa e depende de fatores nem sempre concretos. Para isso, faremos uma breve biografia de Plínio, o Jovem, apontando as dificuldades e as lacunas que geram debates e possíveis reinterpretações de sua obra e da história de sua geração.

PALAVRAS-CHAVE: Plínio, o jovem; biografia; história

A BRIEF BIOGRAPHY OF PLINY THE YOUNGER: THE WAVERING OF HIS TIME

ABSTRACT: a small range of information and a profound absence of data build the current historical painting of a significant part of the influential men and, mainly, women of Antiquity, which leads to constant rereadings and even revolutions on the understanding we have of Classical Rome and Greece. In this article, we demonstrate how the reconstruction and understanding of the life of one of the most famous men of the second half of the 1st century C.E. are complex and how it relies on factors that are not always absolute. For this, we will make a brief biography of Pliny the Younger, pointing out the difficulties and gaps that generate debates and possible reinterpretations of his work and the history of his generation.

KEYWORDS: Pliny the Younger; biography; History

Após um período de relativa tranquilidade política entre os governos de Augusto e Cláudio¹, entre os principados de Nero e Nerva, os romanos viveram uma sequência de

¹ Consideramos aqui o período que consiste do final da guerra civil entre Marco Antônio e Otávio, em 31 AEC, e a morte de Cláudio, em 54 EC. Sabemos que houve sim conflitos internos e externos, porém, a historiografia latina

acentuadas crises políticas entre os imperadores e o Senado. Salvo o Ano dos quatro imperadores, todos os *principes* começaram de forma pacífica e satisfatória na visão dos senadores, que detinham o poder de imortalizá-los em obras históricas, mas em determinado momento há um ruído entre elites e imperadores, principalmente Nero e Domiciano, o que leva a desestabilização do controle imperial sobre o Senado. Em razão disso, imperadores começa a usar da força e do medo para se manter, uma tática que não dava certo a longo prazo.

Um dos homens mais ilustres e mais representativos de anseios e modelo de vida deste período, não só pela carreira política, mas pela atuação jurídica e literária, Caio Plínio Cecílio Segundo, posteriormente chamado de Plínio, o Jovem, é um importante reflexo desses momentos de incerteza política e de grande florescer literário. Nascido durante o governo de Nero, numa região setentrional do Império romano, em Como, Gália Transpadana, ele é o primeiro de sua cidade e de ambas suas famílias – *gens Caecilia* de nascença, *gens Plinia* por adoção – a fazer carreira senatorial. Já em relação a produção literária, numericamente não conseguiu chegar nem perto de seu tio e pai adotivo, Plínio, o Velho, mas certamente foi mais influente em relação a estilo e a gênero literário, uma vez que é Plínio, o Jovem, que estabelece o que viria a ser reconhecido na Antiguidade Tardia e Medieval como Panegírico, bem como expande os limites da epistolografia latina a campos inéditos e propostas inovadoras no processo de composição.

Como teria sido sua ascensão, todavia, nós não podemos atestar com segurança. A falta de conhecimento aproximado das datas em que teria ocupado os cargos de *quaestor*² (questor), *praetor*³ (pretor) e *praefectus aerarii militaris*⁴ (prefeito do erário militar) nos impede de determinar suas relações com Domiciano, e o motivo deste imperador não o

posterior, escrita majoritariamente por senadores, considera tal recorte temporal como um período de paz política, devido aos poucos e curtos embates entre Senado e Imperador.

² A *quaestura*, questura, nos tempos de Plínio, era uma função político-administrativa. Era um cargo inicial exercido dentro do *cursus honorum*, sendo sua atividade referente a de um secretário administrativo. Relativo ao verbo *Quaeso*, investigar, sua função original envolvia o controle dos tesouros públicos e a investigação de crimes contra a vida, perdendo tais funções ao longo do tempo.

³ A *praetura*, pretura, nos tempos de Plínio, era uma função político-administrativa. Era um cargo mediano dentro do *cursus honorum*, sendo sua atividade referente a de um governante geral, responsável por questões políticas em áreas determinadas da administração imperial. A origem do termo é passível de debate, mas acredita-se que venha de *praeco*, ir a frente, e Tito Lívio (*Ab urbe condita* 6.42 e 7.1) aponta que o cargo foi criado para dividir as tarefas de comando militar junto aos cônsules e posterior assume uma posição de liderança jurídica, perdendo estes poderes durante o governo de Augusto.

⁴ A *praefectura*, prefeitura, nos tempos de Plínio, era uma função administrativa. Era um cargo não eletivo, sendo escolhido pelo imperador. A prefeitura poderia ser de diversos órgãos administrativos, como dos tesouros públicos, ficando seu prefeito responsável pelo gerenciamento das riquezas ao controlar o fluxo do tesouro, entre pagamentos e entradas diversas. As prefeituras foram criadas para substituírem parte das funções ocupadas por cargos eletivos, como a questura e a pretura.

ter pelo menos ameaçado, como ameaçara e até matara outros senadores de mesma posição do epistológrafo, e como ele teria conseguido cargos tão próximos a um governante que ele mesmo chamaria posteriormente de “ladrão e sanguinário”⁵.

Apesar de seus pedidos indiretos em algumas cartas para Tácito inseri-lo em suas obras, como observamos na carta VI.20⁶, não nos chegaram registros literários em prosa ou verso sobre si, salvo os que ele mesmo escreveu ou pagou para que fossem compostos. Entre os poetas contemporâneos, apenas Marcial o cita e uma única vez, apenas para referenciar a eloquência que lhe era famosa, “*Nec doctum satis et parum seuerum, / sed non rostickulum tamen libellum / facundo mea Plinio Thalia / i perfer*” (vá e entrega, minha Tália, ao eloquente Plínio meu livrinho, que não é douto o suficiente e é pouco severo, ainda que não seja rudimentar)⁷.

Por óbvio, isso limita os nomes legados à eternidade aos de patronos ou de homens importantes – algo que era percebido antes do período aqui tratado e que se mantém até hoje. De mesma sorte, as inferências são sempre ou positivas ou negativas, a neutralidade nunca sequer é um falso pano de fundo, o que deve causar um ato de leitura mais atento e mais profundo, para entender as motivações ali envolvidas. Plínio, apesar de ter uma grande carreira política e importância literária, apenas autores um pouco posteriores falam de sua vida, praticamente nenhum dos historiadores amigos seus, nem os poetas (a exceção do epigrama de Marcial) falam do filho de Como.

Ao falar de sua geração, é preciso estabelecermos seu nascimento e sua morte. Sua data de nascimento é atestada através de uma de suas cartas, “*agebam enim duodeuicensimum annum*” (eu tinha então por volta de 18 anos)⁸, na qual afirma ele mesmo ter por volta de 18 anos durante a erupção do Vesúvio, de qual era sobrevivente, indicando que seu nascimento tenha se dado entre 61 e 62. A dúvida se dá pelo fato do verbo *agere* sendo completado por *annum* significar “conduzir determinado ano”, logo, não sabemos se Plínio estava em seu décimo oitavo ano de vida ou se já o havia completado. Como a erupção do Vesúvio aconteceu entre agosto e novembro de 79, acreditamos que entre agosto de 61 e novembro de 62 tenha sido seu nascimento.

⁵Spoliator et carnifex. Panegírico, 90.

⁶Nesta carta, há uma narrativa sobre os percalços enfrentados pelo epistológrafo durante a erupção do Vesúvio em 79, e uma cobrança indireta da inserção de Plínio nas obras do amigo.

⁷ Epigrama X.20.1-5

⁸ Carta VI.20.5

Sua data de morte nos é completamente desconhecida, uma vez que não há nenhum tipo de registro de onde, quando e de que maneira teria morrido, apesar de normalmente ser usada a data de sua última comunicação com o Imperador Trajano como a data aproximada de sua morte. Essa assertiva sobre seu falecimento não tem nenhum tipo de base sólida, pois outras cartas podem ter se perdido pelos séculos e copistas diversos, ou simplesmente não ter havido nenhum tipo de comunicação por afastamento do cargo, devido a uma doença, por exemplo. Assim, ele pode ter morrido em qualquer data razoável a partir de 112, quando já teria pouco mais de cinquenta anos.

Salvo quando há um registro histórico ou material do evento da morte, a precisão da morte de um cidadão romano era muito difícil, quase impossível no caso de mulheres. Não devemos, como alguns fazem, atribuir perspectivas de longevidade, que normalmente partem de pressupostos anacrônicos e sem fundamentação. Durante a geração de Plínio, temos senadores que morreram com mais de 80 anos e com boa saúde para a idade, bem como senadores que morreram mais jovens, por volta de 50 anos. Logo, não há como tentar usar dados médicos atuais, nem sempre precisos mesmo hodiernamente, para estabelecer datas de morte na Antiguidade.

A principal fonte de dados é uma inscrição, hoje incompleta, que ele teria encomendado para ser feita em uma placa de bronze e colocada numa biblioteca que construiu em sua cidade natal, Como. A priori, o grande historiador alemão Theodor Mommsen teria tido acesso a boa parte dessa inscrição, que posteriormente se perdera, e a ele se deve boa parte dos dados. A parte que nós conhecemos hoje é:

C(aius) Plinius L(uci) f(ilius) Ouf(entina tribu) Caecilius [Secundus co(n)s(ul)] /
 augur legat(us) pro pr(aetore) pouinciae Pon[ti et Bythinae pro] / consular
 potesta[te] in eam pouinciam e[x senatus consulto ab] / Imp(eratore) Caesar(e)
 Nerua Traiano Aug(usto) German[ico Dacico p(ater) p(atriciae) missus] / curator
 aluei Tiberis et riparum et [cloacarum urbis] / praef(ectus) aerari Saturni
 praef(ectus) aerari mil[ilitaris pr(aetor) trib(unus) plebis] / quaestor Imp(eratoris)
 seuir equitum [Romanorum] / trib(unus) milit(um) leg(onis) [III] Gallica[e in
 pouincia Syria Xuir stli] / tib(us) iudicand(is) them[as ex HS - - -] adiectis in /
 ornatum HS CCC [- et eo amp]lius in tutela[m] / HC CC t(estamento) f(ieri)
 i(ussit) [item in alimenta] libertor(um) suorum homin(um) C / HS XVIII LXVI
 DCLXVI rei [p(ublicae) legauit quorum in] crement(a) postea ad epulum /
 [pl]eb(is) urban(ae) uolit pertin[ere item uiuu]s dedit in aliment(a) pueror(um) /
 et puellar(um) pleb (i) urban(ae) HS [D item bybliothe[ca]m Hs ? et] in tutelam
 bybliothe/ cae HS C (milia)⁹

⁹ Gibson, Morello (2015; 271). CIL 5.5262

Caio Plínio Cecílio Segundo, filho de Lúcio da tribo Ufentina, cônsul, áugure, delegado pró-pretor com poder pró-consular na província do Ponto e Bitínia, enviado através de um decreto senatorial pelo Imperador César Nerva Trajano Augusto, vencedor na Germânia e Dácia, pai da pátria; curador do leito e das margens do Tibre e do esgoto da (grande) Urbe; prefeito do erário de Saturno; prefeito do erário militar; pretor; tribuno da plebe; questor do Imperador; capitão dos equestres romanos; tribuno militar da terceira legião gálica na província da Síria e magistrado decênviro ordenou ser feito por testamento banhos públicos de [...] sestércios, somados a 300 mil para orná-los e mais 200 mil para manutenção; também legou ao Governo 1.866.666 sestércios [a serem gastos] em subsistência de cem homens dentre seus libertos, além disso dessa mesma quantia desejou [serem gastos] em adicionais para um banquete festivo do povo da cidade; dos seus pertences ainda vivo deu ao povo da cidade 500 mil sestércios para a subsistência de meninos e meninas, e também [...] sestércios para a biblioteca e mais 500 mil para os cuidados com esta.¹⁰

Percebemos que pela falta de filhos, boa parte de sua fortuna foi destinada à sua cidade, à manutenção dos seus libertos, que talvez tenham ficado com suas propriedades ou parte delas, a crianças, além de garantir muitos benefícios para o povo de Como, como banhos, uma biblioteca, um jantar festivo provavelmente anual durante algum tempo. Por fim, a inscrição parece ter sido ordenada quando ele ainda estava vivo, uma forma de testamento a sua própria cidade. Não consta o nome de quem a escreveu fisicamente e de quem pagou por ela, o que nos leva a aceitar que possivelmente o próprio Plínio produziu o texto e mandou ser inscrito num monumento exposto num Banho Público.

Conforme essa inscrição, o prenome de seu pai é Lúcio e fazia parte da *gens Caecilii*. Para os teóricos modernos, como Zehnacker (2009) e Sherwin-White (1968), seu pai seria Lúcio Cecílio Segundo, possivelmente um magistrado local de considerável importância que teria começado a construção de um templo a Eternidade de Roma e Augusto, em nome de sua falecida filha Cecília, terminado possivelmente por um de seus filhos. A quantidade de advérbios de dúvida e verbos no subjuntivo demonstra claramente as dificuldades do pesquisador hodierno na busca de responder questões aparentemente simples e óbvias, como o nome do pai de um cidadão romano. Tais questões, apesar da trivialidade, podem reescrever o entendimento geral, à esteira de novos preenchimentos nas lacunas de informação.

Não obstante a isso, Plínio perdeu ainda jovem o pai, e sua educação foi supervisionada inicialmente pelo tio materno, Plínio, o Velho. Não sabemos em que momento Plínio se muda de Como e vai estudar em Roma sob a tutela de Quintiliano, nem onde e com quem

¹⁰ Todas as traduções são de nossa responsabilidade.

morou. Pode ter havido aí influência do tio, uma vez que o grande professor de retórica era muito próximo a Vespasiano, de quem inclusive recebe o título de professor público, e a quem seu tio era ligado politicamente. Novamente, deparamo-nos em um grande buraco de ignorância, o que dificulta e, em alguns casos, impossibilita entendermos plenamente a juventude dos patrícios romanos – uma vez que já aceitamos a nossa incapacidade de compreender a vida da plebe como um todo sem a ajuda de achismos ou exemplos isolados.

Após a morte do tio, Plínio ficou sob a tutela de Lúcio Vergínio Rufo, um senador que foi cônsul três vezes, tendo rejeitado ser imperador, demonstrando ser uma das maiores personalidades políticas de seu tempo¹¹. Os consulados de Rufo se deram em períodos distintos, 63, 69 e 97, durante o governo de três imperadores diferentes, Nero, Vespasiano e Nerva, e Plínio admirava sua capacidade política que o permitiu permanecer por mais de 30 anos no cenário político. Tanto Vergínio, quanto seu tio foram largamente homenageados em sua coleção epistolar, um cumprimento da *pietas* esperada de um senador. Ao tio, as cartas III.5 e VI.16, sendo a primeira um grande relato sobre sua vida e sua produção literária, e a segunda um informativo de sua morte que emula uma epopeia histórica. Ao patrono no Senado, as cartas II.1, VI.10, IX.19, sendo a primeira delas um grande tributo ao funeral, sem igual ao longo de toda coleção, em extensão e profundidade.

Sobre sua mãe não sabemos muito. Ele não a cita pelo nome e raramente fala sobre ela, que se faz presente indiretamente não mais que em algumas poucas cartas. Em suas, das poucas referências a sua mãe, a maioria se dá relativa à herança deixada por ela e pelo tio – diversas propriedades em Como que ele dividia com os irmãos, de quem absolutamente nada sabemos, salvo por esta questão da herança. O mesmo ocorre com sua primeira esposa, da qual nada sabemos, a não ser que se casara cedo e que não gera filhos de Plínio. Para Birley (2001; 02), ela é filha de Celerina e teria morrido ao final de 96 ou início de 97. Gibson e Morello (2015; 268) seguem a mesma hipótese, porém Sherwin-White (1968; 71) coloca em dúvida a afirmação, dizendo que poderia ter sido a segunda esposa, afirmando que ela poderia ter morrido cedo e ele ter se casado logo depois. De qualquer

¹¹ “*Triginta annis gloriae suae superuixit; legit scripta de se carmina, legit historias et posteritati suae interfuit. Perfunctus est tertio consulatu, ut summum fastigium priuati hominis impleret, cum principis noluisset*” (Sobreviveu a sua glória [no poder] por 30 anos, teve a oportunidade de ler poemas escritos sobre si mesmo, e ler histórias [sobre si mesmo] e de assistir seu [próprio] legado. Exerceu o consulado três vezes e assim teria atingido o maior fastígio que um cidadão regular, já que não teria quisto ser imperador) (carta II.1.2)

forma, a sua relação com uma filha da *gens Celer* lhe dá poder político e posses em Túsculo.

Em relação a outra esposa, Calpúrnia, sabemos mais, havendo algumas cartas a ela publicadas, três ao todo. O que mais salta em suas cartas é seu um bom relacionamento com o avô paterno de Calpúrnia, Calpúrnio Fabato, e a ele escreveu diversas cartas que foram publicadas. Calpúrnia perdeu os pais ou antes do casamento ou logo após se casar, sendo sua tia, Híspula, sua tutora, que também se comunicava com frequência com o epistológrafo e teve cartas a ela publicadas. Aparentemente Calpúrnia era bem mais nova que Plínio, pois ele ainda conservava a expectativa de ter filhos e fala que um aborto espontâneo aconteceu por sua esposa ser muito nova e inexperiente, como podemos ler em uma das cartas ao avô da esposa:

C. PLINIVS FABATO PROSOCERO SVO S.

Quo magis cupis ex nobis pronepotes uidere, hoc tristior audies neptem tuam abortum fecisse, dum se praegnantem esse puellariter nescit, ac per hoc quaedam custodienda praegnantibus omittit, facit omittenda. (...) Neque enim ardentius tu pronepotes quam ego liberos cupio, quibus uideor a meo tuoque latere pronum ad honores iter et audita latius nomina et non subitas imagines relicturus. Nascantur modo et hunc nostrum dolorem gaudio mutent. Vale (VIII.10)¹²

Caio Plínio saúda ao sogro Fabato

Desejas por demais ver um bisneto vindo de mim, por isto mais triste tu ouvirás que tua neta sofreu um aborto: até então, como menina que é, desconhecia estar grávida e por essa razão aquilo que as grávidas devem observar ela ignorava e fazia que deve ser evitado. (...) De fato, tu não desejas mais ardentemente bisnetos que eu filhos, aos quais deixarei, como me parece, o caminho apontado às honras através de minha e de tua força, nomes mais largamente conhecidos e imagens não súbitas. Que ao nascerem transformem esta nossa dor em regozijo. Adeus

Porém, não devemos afastar de mente a assertiva pliniana sobre ter filhos em seu tempo:

Sunt ei liberi plures. Nam in hoc quoque functus est optimi ciuis officio, quod fecunditate uxoris large frui uoluit eo saeculo, quo plerisque etiam singulos filios orbitatis praemia graues faciunt.

Ele tem muitos filhos. Pois nisto ele também cumpriu o dever de um excelente cidadão, já que desejou aproveitar muito da fecundidade da esposa nestes tempos, quando para muitos ter um filho é um fardo pesado e um prêmio para quem não os tem (IV.15.2-3).

¹² Quando citarmos as cartas de Plínio, colocaremos apenas o número do livro e da carta. Utilizamos aqui a edição Pline, 2009, estabelecida por Zehnacker.

Sobre este tema, vale lembrarmos Winsbury (2015; 129), quando o estudioso afirma que,

Independentemente de sua razão social, a ausência de filhos entre as classes dominantes de Roma levou a novos ricos vindos das cidades provinciais mais importantes serem absorvidos para dentro da alta sociedade em Roma e serem capacitados para subir os degraus sociais romano até o topo – o que Plínio fez. Pode-se argumentar também que a falta de filhos de outros serviu como vantagem para a carreira de Plínio, independentemente de como ele se sentia em relação a isso¹³.

Assim, a falta de filhos por parte de alguns cidadãos importantes, como seu tio e Vergínio Rufo, fez com que ele pudesse crescer, bem como sua falta de filhos deu a sua cidade e a seus principais libertos uma boa parte de sua fortuna após sua morte, garantindo majoritariamente um desenvolvimento da educação em Como, o que ele preconizou em sua inscrição. Como não se casara e não obtivera mais posses que ele próprio herdara e conquistara ao longo da vida, Plínio foi o primeiro de Como a fazer carreira senatorial em Roma. Um feito difícil, ainda que não raro, uma vez que desde a República temos homens de origem equestre chegando ao cargo mais alto à época, cônsul, como o próprio Marco Túlio Cícero. Segundo Zehnacker (2009; xiii), “De um meio equestre, Plínio teve de obter primeiroo laticlavo, provavelmente em torno dos 17 anos de idade, o que lhe permitiu começar uma carreira senatorial”¹⁴. A entrega do laticlavo pode estar relacionada ao bom relacionamento de seu tio, e pai adotivo, Plínio o Velho, com Vespasiano, mas também pode ter sido por algum processo de adoção que desconhecemos. Birley (2001; 7) afirma que ele teria recebido o laticlavo por Tito, porém não sabemos ao certo quando se deu exatamente o recebimento do laticlavo, nem por quem teria sido.

Pouco depois da morte do tio, em 79, iniciou sua carreira como um dos *decemviri stlitibus iudicandis* (decênviro), que a seu tempo eram responsáveis pelo comando dos *centumviri* (tribunal centúviro), mas que servia de começo sólido para quem desejava trilhar um caminho retórico e principalmente para quem almejava a carreira senatorial. O antigo tribunal dos centúviro permitia discursos a imensas plateias e poderia ser a perdição ou glória dos oradores. Na carta (VI.33) ele descreve bem o que era a tal corte em seu tempo,

¹³Whatever its social causa, childlessness among the ruling families at Rome did lead to wealthy new aspirants from the more important provincial cities being sucked into high society at Rome and being able to climb the Roman social ladder to the very top – and Pliny did just that. Arguably, other people’s lack of children was to Pliny’s career advantage, whatever he personally felt about it.

¹⁴De milieu equestre, Pline dut obtenir d’abord, sans doute vers l’âge de dix-sept ans, le laticlave, qui lui permit d’entamer une carrière sénatoriale¹⁴.

Sedebant centum et octoginta iudices (tot enim quattuor consiliis colliguntur) ingens utrimque aduocatio et numerosa subsellia, praeterea densa circumstantium corona latissimum iudicium multiplici circulo ambibat. Ad hoc stipatum tribunal, atque etiam ex superiore basilicae parte qua feminae qua uiri et audiendi, quod difficile, et, quod facile, uisendi studio imminebant. (VI.33.3-4)

Sentavam ali cento e oitenta juízes (todos conscritos aos quatro concílios), uma ingente reunião de advogados em ambos os lados e numerosos bancos de tribunais, além disso uma densa coroa de pessoas sentadas em círculo fechava um anel ao redor do larguíssimo julgamento. Até aí o tribunal estava lotado e, da varanda superior da basílica, um público parte masculino, parte feminino aguardava impacientemente tentando ouvir, o que era difícil, e tentando ver, o que era mais fácil.

Após o ingresso entre os centúviro, Plínio serve as tropas romanas na terceira legião gálica, estacionada na Síria. É bem provável que nos poucos anos que ficara lá, ele tenha servido como secretário ou alguma posição parecida, pois já seguia os degraus que o levaram a ser tribuno da plebe (Syme, 1958; 76), e a paz na região onde ficara lhe garantiu tempo para ler e escrever seu primeiro livro de poesia, como ele relata em uma de suas cartas:

Mox, cum e militia rediens in Icaria insula uentis detinerer, Latinos elegos in illud ipsum mare ipsamque insulam feci. Expertus sum me aliquando et heroo, hendecasyllabis nunc primum, quorum hic natalis haec causa est. Legebantur in Laurentino mihi libri Asini Galli de comparatione patris et Ciceronis. Incidit epigramma Ciceronis in Tironem suum. (VII.4.3)

Em seguida, quando estava voltando do serviço militar, fiquei preso na Ilha de Icária, devido aos ventos fortes, e fiz versos elegíacos em Latim sobre aquele mar e aquela ilha. Experimentei-me algumas vezes nos versos heroicos, agora pela primeira vez os hendecassílabos, dos quais esta é a origem, este é o motivo: eu estava lendo em Laurentino um livro de Asino Galo, sobre a comparação entre seu pai e Cícero. Seguindo a leitura, apareceu uma epigrama de Cícero sobre seu assistente Tiro.

Com seu retorno à Roma, recebe o cargo honorífico de *seuir equitum Romanorum* (capitão dos equestres romanos), ficando responsável por parte das preparações dos jogos anuais. Apesar de meramente honorífico, este cargo representava um excepcional começo a quem desejava chegar aos cargos mais altos, e Plínio o recebe provavelmente sob Domiciano. Logo em seguida, ele alcança o cargo de *quaestor Caesaris* ou *quaestor Imperatoris* (questor do Imperador ou questor de César), funcionando como um secretário pessoal do Imperador e servindo de ponte política entre esse e o senado. Isso teria

acontecido em algum momento entre 87 e 89, conforme as estimativas de Syme (1958, 75) – que por sua vez aponta como mais provável o ano de 89 –, enquanto Sherwin-White (1968; 74) categoricamente afirma que ocorreu em entre 86 e 87, considerando a idade mínima. Um dos pontos importantes é Caléstrio Tiro ter servido com ele na Síria e ter sido seu parceiro na questura, este que foi tribuno militar um ano antes devido ao *Ius Trium Liberorum*¹⁵ que lhe fora concedido, mas logo alcançado por Plínio na pretura, pois o então César lhe permitiu assumir o cargo um ano antes do esperado legalmente. Todas essas informações nos são dadas por Plínio na carta VII.16

Winsbury (2015; 91) define bem as questões mais problemáticas dos estudos acerca de Plínio e sua obra: “mas o ‘como’ e ‘quando’ da progressão ascendente de Plínio nos leva diretamente às mais altamente controversas questões sobre a moralidade particular de Plínio, seus padrões éticos de conduta e sua verdade acerca de si mesmo”.¹⁶ Isto se refere especificamente a relação entre Domiciano e Plínio, bem como o comportamento deste durante os anos de 93 a 96, quando o Imperador Domiciano quebrou as relações amigáveis com o Senado, perseguindo, exilando e matando diversos senadores e até mesmo pensadores, em sua maioria estoicos, que julgasse serem contra seu governo.

Stadter (*in* Brice e Slootjes, 2014; 31) diz que, “a idade mínima para os cargos foi diminuída [no começo do Império], de forma que alguém poderia ser questor aos 25 anos, pretor aos 30”¹⁷. Como não sabemos exatamente o ano de nascimento de Plínio, podemos afirmar apenas que ele fora questor não antes de 86 e pretor, considerando um ano a menos que Domiciano lhe permitiu, não antes de 90. Syme (1958; 75) num primeiro momento considera que a questura fora entre 87 e 89, sendo 87 o mínimo se considerarmos que ele nascera em 62, mesmo assim o grande estudioso britânico entende inicialmente que o mais provável era o ano de 89, quando Plínio já teria pelo menos 27 anos. Isso porque ele considerou Plínio ter sido questor do Imperador durante sua saída para uma campanha na Dácia, quando Plínio era obrigado a ler os exatos despachos do Imperador perante o Senado, ainda que isso lhe trouxesse algum prejuízo perante os senadores, que já estavam incomodados com as ações na Dácia e anteriormente com o

¹⁵ Direito de pular etapas, pagar menos impostos e receber benefícios públicos por ter três ou mais filhos. Um incentivo antigo para que senadores tivessem filhos, o que era incomum desde os tempos republicanos, já que havia até leis para incentivar a procriação.

¹⁶But the ‘how’ and ‘when’ of Pliny’s upward progression lead us head-on into highly controversial questions about Pliny’s personal morality, his ethical standards of conduct and his truthfulness about himself.

¹⁷“In addition, minimum ages for offices had been lowered, so that one could be questor at 25, pretor at 30.”

desfecho relativo ao caso de Antônio Saturnino¹⁸. Posteriormente, Syme (1991; 560) adota a data de 87.

Porém, Sherwin-White (1968; 75), sob a luz da já citada carta VII.16, propõe uma outra análise,

O excerto em Plínio VII.16 só faz sentido na suposição de que Plínio e Tiro fizeram suas carreiras observando os intervalos mínimos, mais a redução de um ano cada [em relação ao mínimo] – ainda que isso não implique que eles começaram no período mais cedo possível. De outra forma não há razão para que Plínio pudesse alcançar Tiro na pretura. As remissões funcionavam em mão-dupla. Tanto, como em Agrícola, o homem era permitido a concorrer [a um cargo] antes da idade mínima, quanto, se ele tiver começado tarde, o mínimo intervalo [entre cargos] era reduzido ou abolido. Plínio, pretor não antes de 93, começou tarde [sua carreira].¹⁹

Não temos nenhuma informação concreta sobre a data da questura exercida por Plínio, que só fala sobre ela na já referida carta. E não sabemos nada sobre a carreira de Tiro, salvo através de Plínio. Logo, não temos como afirmar com certeza em que ano Plínio foi questor. Tanto o pensamento original Syme (1958), quanto Sherwin-White (1968) atribuem o mesmo ano 89, pois teria se dado quatro anos, um menos que o obrigatório, antes de sua pretura, assumindo que esta teria se dado em 93, o que é questionável. A ideia posterior de Syme (1991) em relação ao ano de 87 pode servir de base para uma análise diferente das datas posteriores, ainda que o próprio Syme as mantenha inicialmente. Em verdade, as atribuições de data são todas conjecturais e dependem inicialmente de uma ideia prévia da relação de Plínio com a verdade em suas cartas, e de Plínio com os acontecimentos político-sociais.

Dois ou três anos depois o filho de Como foi tribuno da plebe, e pouco sabemos da condução deste cargo, salvo que ele se afastara das funções jurídicas particulares, como relata na carta I.23.2, “*Ipse cum tribunus essem, errauerim fortasse qui me esse aliquid putavi, sed tamquam essem abstinui causis agendis*” (Eu mesmo quando fui tribuno, talvez eu, que julguei-me ser algo, estivesse errado, mas ainda assim eu me afastei das

¹⁸Governador da Germânia que se rebelou contra Domiciano, que por sua vez o aniquilou e matou diversos outros membros da elite romana, para que servissem de exemplo. O fato não fora bem recebido pelo Senado como um todo.

¹⁹The passage in Pliny (VII. 16) makes sense only on the assumption that Pliny and Tiro both went through their career with the minimum intervals, minus reductions of a year each - though it does not imply that they started at the earliest moment. Otherwise there is no reason why Pliny should have caught up Tiro at the praetorship. Remissions worked in two ways. Either, as with Agrícola, a man was enabled to stand for election before the minimum age, or, if he was a late starter, the minimum interval was reduced or abolished. Pliny, praetor not before 93, started late.

causas nas quais advogava). A importância que Plínio dava ao cargo quando já mais velho fica claro quando em outra passagem da mesma carta (I.23.1) ele diz que se pode considerar tal cargo uma “*inanem umbram et sine honore nomen*” (uma sombra sem forma e um nome sem honra).

Um ou dois anos depois Plínio exerceu a pretura, motivo de um dos debates sobre a veracidade das informações de suas cartas. De certo, podemos afirmar apenas que se deu 4 anos depois de sua questura, se considerarmos corretas as informações nas cartas plinianas. A carta que baseia a discussão é a III.11.2, na qual ele relata uma visita ao filósofo então banido Artemidoro “*cum essent philosophi ab urbe summoti, fui apud illum in suburbano, et quo notabilius, hoc est periculosius, esset, fui praetor*”, (quando os filósofos estavam banidos da Capital, fui ao encontro dele, [Artemidoro], no interior, e isso poderia trazer atenção demais, ou seja, era perigoso, porque eu era pretor à época). É importante atentar para que diversos historiadores antigos listados por Harte²⁰ (*in* Birley, 2001; 10-11) apontam para um banimento de Roma, cidade, em 89-90 e posteriormente um exílio de toda a península itálica, em 93.

Syme (1991; 560-3) reflete bem que a maior parte dos registros que se tem sobre o exercício da questura por parte dos senadores de berço originalmente não senatorial se deu aos 25 anos, não depois, salvo em casos de doença ou serviço militar. E não há qualquer relato sobre doença no caso de Plínio, pelo contrário, há informações que indicam que ele começara rápido²¹, não havendo motivo sólido para acreditar num atraso para exercer o cargo de questor. Se foi aos 25 anos, ele foi eleito para exercer em 87, ou ainda em 86. E mantendo a corrida com Tiro, ele teria exercido a pretura quatro anos depois, em 90 ou 91, estando já Artemidoro banido da cidade de Roma, e como o próprio Plínio diz, vivendo nas redondezas da Urbe, “*in suburbano*”, – o que não seria possível em 93, após um exílio total da península itálica.

Outro fato que corrobora tal visão é o fato de em 93 ter se dado o julgamento contra Béblio Massa, no qual um dos acusadores era Plínio. Dificilmente um pretor, um dos mais altos cargos dentro do sistema jurídico romano, seria indicado pelo Senado para que acusasse um governador de uma província. Plínio narra a causa na carta VII.33, mas em momento algum cita o fato de exercer algum cargo no período. Se quando era tribuno ele se afastara da função de advogado, por que enquanto pretor ele manteria? As variáveis são irresolutas

²⁰Dentre os citados, os mais conhecidos são Eusébio, Jerônimo, Aulo Gélcio e Dio Cássio.

²¹ Pan. 95; carta VII.16

e abrem espaço para escrevermos diferentes cidadãos, um que mente descaradamente em suas cartas para se manter de determinado lado político após a morte de Domiciano, e outro que fez o que deveria fazer para se manter são e salvo durante um governo tirano. Finalizado seu mandato de pretor, Plínio foi indicado a *praefectus aerarii militaris* (prefeito do erário militar). Um cargo aparentemente pequeno, já que não era um dos principais tesouros, porém, é como se garantia a lealdade das legiões, com o pagamento de soldos e pensões. Uma posição delicada, já que poderia ser usada para gerar revoltas e desobediência militar por alguém mal-intencionado. Na maior parte das hipóteses de datas e trajetória que os teóricos apresentam, este é o último cargo indicado por Domiciano, assumindo em 95 e deixando em 96. Porém, parece mais correto, se aceitarmos que ele não fora pretor em 93, mas em 90 ou 91, que tal cargo se tenha dado durante o governo de Nerva.

Não obstante a isso, temos as palavras de Plínio na carta IV.24.4-5, “*studiis processimus, studiis periclitati sumus, rursusque processimus; profuerunt nobis bonorum amicitiae, bonorum obfuerunt iterumque prosunt*” (nossos estudos nos favoreceram, depois nos colocaram em perigo e novamente nos favoreceram; a amizade dos bons nos auxiliaram, depois nos prejudicaram e novamente nos auxiliaram). Essa passagem é regularmente entendida como uma referência ao comportamento da vida política de Plínio durante o governo de Domiciano. Não sabemos exatamente quando esta carta fora enviada, nem quando foi publicada, mas certamente isso aconteceu nos tempos de Trajano. Desta forma, não há nenhum indício de que se refira exclusivamente aos tempos de Domiciano, seja um marcador temporal gramatical, seja uma informação dada através de algum fato histórico na própria carta.

O grupo ao qual se ligava Plínio foi perseguido por Domiciano entre 93 e 96, sendo pelo menos 7 de seus aliados e protetores tendo sido exilados ou mortos, dentre eles o que mais se destaca é Herênio Senécio, com quem Plínio acusara Béblio Massa, um delator de Domiciano, em 93. Após a morte de Domiciano, Plínio se orgulha de ser um dos primeiros a perseguir e buscar justiça contra os aliados e delatores de Domiciano, como vemos na carta IX.13,

Occiso Domitiano statui mecum ac deliberaui esse magnam pulchramque materiam insectandi nocentes, miseros uindicandi, se proferendi. Porro inter multa scelera multorum nullum atrocius uidebatur, quam quod in senatu senator senatori, praetorius consulari, reo iudex manus intulisset. (IX.13.2)

Após a morte de Domiciano, pensei comigo mesmo e cheguei à conclusão de que era um grande e belo objetivo serem perseguidos os que faziam males, vingados os míseros, expondo-os. Por outro lado, entre os muitos crimes de muitos nenhum parecia mais atroz que no Senado um senador ter atacado de alguma maneira outro senador, um pretor contra um consular, um juiz ter lançado as mãos contra um réu.

Num segundo momento somos impelidos por outra questão: quais atividades que favoreceram e depois criaram perigos a Plínio? É claro um inicial suporte de Domiciano na carreira de Plínio: foi questor do César, um cargo de alta proximidade e confiança, como já falamos; depois Domiciano permite que ele exerça a pretura um ano antes do legalmente aceito. Porém, o que muda e em que momento? Se considerarmos que ele exerce a pretura em 93 e é logo em seguida indicado ao cargo que ocuparia posteriormente, prefeito do tesouro militar, entre 94 e 96, não há razão para acreditarmos em perigos, uma vez que ele seria pretor no ano da ruptura entre Domiciano e o Senado, e responsável pelo pagamento das tropas – instrumento maior na perseguição contra os senadores – pelos três anos seguintes, até a morte de Domiciano.

Plínio não cita em suas cartas como ou quando ele teria ocupado o cargo de prefeito do erário militar, informação que só aparece na inscrição em Como. O cargo normalmente durava até três anos, mas não podemos dizer que ele tenha ocupado os três anos. Recuperando o que já dissemos, mas agora nas palavras de Winsbury (2015; 100), “[O cargo] foi ocupado por três ex-pretors, como Plínio, e era especialmente adequado à experiência de Plínio em finanças. Era um daqueles trabalhos de rotina na alta administração romana que, se desse errado, poderia causar a um imperador um monte de problemas”²².

É possível que quando Plínio diz que suas aplicações a atividades diversas e seu zelo para com o lado intelectual retomou força em algum momento do passado relativo ao período quando ele escreveu a supracitada carta IV.24, isso pode ter se dado durante o governo de Nerva. E seria também durante a ascensão de Nerva que Plínio consegue o cargo de *praefectus aerarii Saturni* (prefeito do erário de Saturno), o principal tesouro de Roma, tanto pelos documentos e decretos senatoriais lá guardados, quanto por guardar a maior parte da fortuna pecuniária do Império. Após uma vitória parcial contra Marcos Aquílio

²²It was looked after by three former praetors, such as Pliny, and was especially suited to Pliny’s experience of finance. It was one of those routine jobs in senior Roman administration that, if it went wrong, could cause an emperor a lot of trouble.

Régulo, que era o antigo prefeito e delator ativo desde os tempos de Nero, ele foi indicado a ocupar o mesmo cargo deste, que se retirara da posição por si mesmo, possivelmente devido a exposição na causa pleiteada por Plínio.

Em seguida, na virada do primeiro século de nossa era, em 100, ele é indicado a cônsul designado – os cônsules ordinários eram o próprio imperador Trajano, pela terceira vez seguida, e Sexto Júlio Frontino, responsável pelos aquedutos –, sua maior glória até então. E é nesta posição, por obrigação política e talvez moral, que ele faz o elogio público ao Imperador, um feito aparentemente pessoal, mas que, em verdade, era uma obrigação toda vez que um cônsul, suffecto ou ordinário, tomava posse e o imperador se encontrasse em Roma.

Ainda que com um prestígio menor que o cônsul ordinário, Plínio o fez ao lado de seu tão admirado amigo Tácito e com razão se orgulhava. Foi o primeiro de Como, pelo menos conforme pode-se atestar com segurança, a chegar a este nível. E um ano depois do final de seu mandato ele recebe mais uma honra de Trajano, sendo indicado a *Augur*²³ (áugure), um cargo que se tornara um pouco mais simbólico do que era no período republicano, sucedendo Frontino. E no ano seguinte a este cargo, é indicado a mais uma posição administrativa, como o responsável pelo sistema de águas e esgoto de Roma, o *curator alvei Tiberis et riparum et cloacarum urbis*.

Não muito tempo mais tarde, algo em torno de 3 a 5 anos, foi indicado ao governo de uma província, Ponto e Bitínia. Tal província era originalmente senatorial, ou seja, deveria ser regida por um consular na função de procônsul, porém devido as seguidas crises na região, ela estava sob o poder do imperador, que podia indicar um homem seu de confiança por tempo indefinido, como foi o caso. É na Bitínia que, em meio à crise com os cristãos e os judeus, além das disputas com os povos ao redor, por algum motivo se perde a correspondência entre o governador da província e Trajano, por conseguinte, sem mais informações sobre Plínio. E isto normalmente é tido como um sinal de sua morte, por volta de 112.

Percebemos que a falta de informação até mesmo sobre a morte abre espaço para muitas discussões. Plínio pode ter exercido mais cargos, ter auxiliado em causas, ter influenciado o Senado após essa data, sem que necessariamente estivesse registrado na Inscrição de Como, pois poderiam ser posteriores ou simplesmente ignorados. De fato, o que sabemos

²³ Cargo menor dentro do *Cursus Honorum*, relativo inicialmente à religião, porém que no período imperial perde a importância política que tinha durante o período republicano.

de Plínio é o que ele próprio gostaria que a posteridade soubesse e nada mais, sendo sua história uma narrativa de si mesmo e o epistológrafo uma personagem de suas cartas e de inscrições para por ele mesmo.

Essa dificuldade é frequente e esperável para a análise de quaisquer grandes homens da Antiguidade, salvo raríssimas exceções. Fontes materiais e textuais, além de análises subjetivas, são as poucas fontes que temos e é preciso sempre as contextualizar, o que forçosamente gera incertezas e subjetividades nos estudos biográficos, literários e históricos de uma forma geral. Por vezes, fatos que parecem insignificantes, tal qual o preciso ano de exercício de um cargo, podem mudar por completo conforme uma interpretação destoante ou um novo dado, já que normalmente o que temos é fragmentário.

Cabe, então, estarmos sempre atentos às novas análises, aos estudos mais recentes e aos dados atualizados. Não apenas do objeto em si, como aqui no caso foi a vida de Plínio, o Jovem, mas também no que cerca esse objeto, ou seja, no entendimento de seu contexto sociopolítico, além da evolução na crítica literária, o que modifica o sentido das informações das obras a que temos acessos. Desta forma, quem se debruçar sobre a vida de um patrício romano deve ter em mente que dificilmente chegará a um ponto concreto e imutável, uma vez que em algum momento sua interpretação poderá ou deverá mudar. No caso aqui apresentado, apresentamos como um dos maiores especialistas em história romana, Ronald Syme, muda parcialmente suas interpretações e como seu entendimento se choca frontalmente com outros grandes estudiosos, como Adrian N. Sherwin-White, e mais recentemente as dissonantes opiniões de Gibson e Morello de um lado e de Winsbury doutro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BIRLEY, A.R. *Onomasticon to the Younger Pliny*. Leipzig: K.G. Saur Verlag GmbH & Co K.G., 2000.

BRICE, Lee L.; SLOOTJES, Daniëlle (ed). *Aspects of Ancient Institutions and Geography*. Boston: Brill, 2014.

CONTE, Gian Baggio. *Latin Literature: A history*. Transl. Joseph B. Solodow. Baltimore: John Hopkins University Press, 1999.

GIBSON, Roy; MORELLO, Ruth. *Reading the Letters of Pliny the Younger*. Cambridge: Cambridge University Press; 2015.

MARTIN, Réne ; GAILLARD, Jacques. *Les genres Littéraires à Rome*. 2 ed. Paris: Nathan ed, 1990.

MORELLO, Ruth; MORRISON, A.D. (ed). *Ancient Letters: Classical and Late Epistolography*. New York: Oxford University Press, 2007.

PLINE, Le Jeune. *Lettres*. Tome I, II, III. Texte établi par Hubert Zehnacker. Paris: Les Belles Lettres, 2009.

SHERWIN-WHITE, A.N. *The letters of Pliny*. Reprinted. Oxford: Claridon Press, 1968.

SYME, Ronald. *Roman Papers*. Vol VII. Ed. By Anthony Birley. Oxford: Claredon Press, 1991.

_____. *Tacitus*. Oxford: Claredon Press, 1958.

WHITTON, Christopher (ed.). *Pliny The younger Epistles, book II*. Cambridge Greek and Latin Classics. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.

WINSBURY, Rex. *Pliny the younger: A Life in Roman Letters*. London: Bloomsbury., 2015.

ZEHNACKER, H. *Pline Le Jeune: Lettres*. Introd. Paris : Les Belles Lettres, 2009.